

CRIAÇÃO DE TERMOS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM LIBRAS

CREATING FAMILY FARMING TERMS IN LIBRAS


Recebido em: 10/05/2024

Aceito em: 28/09/2024

Publicado em: 14/10/2024

Claudia do Socorro Azevedo Magalhães¹ 
Instituto Federal do Pará

Miranilde Oliveira Neves² 
Instituto Federal do Pará

Júlio César Suzuki³ 
Universidade de São Paulo

Resumo: Este trabalho é um recorte da dissertação de Magalhães (2021). O objetivo da pesquisa foi criar e validar sinais para termos da Agricultura Familiar, inexistentes em Libras e organizar um glossário bilíngue, a partir de análises linguísticas em fichas lexicográficas. Para interpretar as informações coletadas e entender os significados da terminologia pesquisada, optou-se pela pesquisa descritiva e interpretativa, com abordagem quanti-qualitativa, a qual inclui análise estatística dos termos e interpretação qualitativa dos dados. As etapas metodológicas iniciaram com a seleção de termos específicos, a partir de dicionários em língua portuguesa validados por um grupo focal das Áreas Agrárias e Meio ambiente. Em seguida, os termos foram pesquisados em dicionários de libras e profissionais bilíngues, com proposta de construção de sinais-termo, os quais foram validados pela Associação de Surdos local, intérpretes e profissionais de Libras da Amazônia. Como resultado, foram catalogados cinquenta termos. Quarenta e quatro criados e seis identificados em uso pela comunidade surda. Os sinais foram compilados em um glossário bilíngue de acesso gratuito, em repositório da Universidade de São Paulo – USP, intitulado: “Termos da Agricultura Familiar em Libras” - uma ferramenta para o acesso da comunicação entre Pessoas Surdas⁴, profissionais de áreas afins e a quem possa interessar.

Palavras-chave: Libras; Terminologia; Agricultura Familiar.

Abstract: The aim of this research was to create and validate signs for Family Farming terms that do not exist in Libras and to organize a bilingual glossary based on linguistic analyses of lexicographic forms. In order to interpret the information collected and understand the nuances and meanings of the researched terminology, we opted for descriptive and interpretive research, with a quantitative-qualitative approach, which includes statistical analysis of the terms and qualitative interpretation of the data collected. The methodological stages began with the selection of specific terms from Portuguese-language dictionaries, validated by a focus group from the Agricultural and Environmental areas. This was followed by a search for the terms in Libras dictionaries, a survey of bilingual professionals and a proposal for the construction of sign-terms, which were validated by the local Deaf Association, interpreters and Libras professionals in the Amazon. The result was fifty terms. Forty-four were created and six were identified as being in use by the deaf community. The signs were catalogued in a free bilingual glossary in a repository at the University of São Paulo - USP, entitled: "Terms of

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares PPDRGEA do Instituto Federal do Pará. E-mail: claudia.magalhaes@ifpa.edu.br

² Professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares PPDRGEA do Instituto Federal do Pará. E-mail: miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

³ Universidade de São Paulo - USP. E-mail: jcsuzuki@usp.br

⁴ Consideramos Pessoas Surdas com iniciais maiúsculas, para diferenciar surdas/surdos que fazem uso da língua de sinais e constroem suas identidades a partir de um corpo diferente e não deficiente. Além disso, utilizamos a simbolização do mundo a partir da língua de sinais, construída nas estruturas dos estudos surdos, conforme difundidos por autores como Skliar (2013) e Perlin (2013).

Family Farming in Libras" - a tool for access to communication between deaf people, professionals in related areas and anyone else who might be interested.

Keywords: Libras; Terminology; Family Farming.

INTRODUÇÃO

A educação enfrenta diversos desafios, e um dos mais evidentes nas últimas décadas, encontra-se no âmbito das dificuldades em estabelecer a inclusão de pessoas com deficiência. Embora as discussões acadêmicas sobre a inclusão tenham crescido nos últimos anos, quando se trata de inclusão de estudantes surdos no contexto rural, os desafios são mais complexos e o quantitativo de estudos específicos sobre o tema ainda é insuficiente.

As experiências docentes revelam, a cada dia, a urgência de se pensar e propor ações mais inclusivas para as populações do campo, que, por séculos, tiveram seus direitos negligenciados pela ausência de políticas públicas que considerem sua cultura, práticas e especificidades locais.

É importante ressaltar que as Pessoas Surdas são impedidas de ouvir e por conta deste impedimento, interagem com o mundo por meio da visão. A língua utilizada na comunicação de surdos é estruturada no corpo e no espaço, não fazendo uso do canal auditivo e, portanto, chamada de língua visuoespacial.

Nas línguas de sinais, o signo linguístico é representado pelo que chamamos de sinal, e acoplam um significado próprio e pré-determinado, ou seja, um conceito que é transmitido a partir de um signo, composto por significado e significante, Saussure (2010) tal como todas as línguas orais. Os Sinais nomeiam as coisas do mundo e são parte de uma língua que se estruturam por meio de parâmetros gramaticais, Quadros e Karnopp (2004, p. 30) nos lembram que “As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.”

A ausência de sinais provoca grandes dificuldades para as Pessoas Surdas, contribuindo para a invisibilização política e social dessas pessoas. Quando a comunidade camponesa adquire a língua visuoespacial, aumenta-se a chance de melhorar o desempenho das pessoas surdas, permitindo-lhes interagir de forma crítica, contribuir ativamente com a comunidade local e, assim, tornarem-se pessoas reconhecidas e valorizadas.

Este trabalho é um recorte da dissertação de Magalhães (2021) e teve como objetivo pesquisar a existência de termos específicos da Agricultura Familiar em Libras, propor neologismos para termos inexistentes e organizar um glossário bilingue com novos sinais,

Página 2 de 23

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i3.1538>

assim como sinais já utilizados no sistema linguístico das línguas visuoespaciais, a partir de análises linguísticas em fichas lexicográficas. A pesquisa teve ainda, como princípio basilar, os estudos terminológicos, lexicográficos, lexicológicos e a estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O critério metodológico adotado neste estudo foi o de pesquisa descritiva e interpretativa com abordagem quanti-qualitativa. No entanto, foi necessária a utilização de diversos métodos para sua realização.

A primeira etapa da pesquisa foi de seleção de signos em Língua Portuguesa, a partir de dicionários específicos da lexicografia agrária, tendo como critério inicial a inexistência destes termos em sinais de Libras, a partir do conhecimento das pesquisadoras.

A segunda etapa objetivou descobrir se os docentes de Libras e Tradutores Intérpretes da Línguas de Sinais - TILS e comunidade surda, conheciam em Libras os termos apresentados.

Os resultados destas etapas trouxeram o conhecimento de quais termos da Língua Portuguesa eram desconhecidos em Libras pelos participantes da pesquisa. Seleccionados e catalogados em tabelas, verificou-se a existência dos termos em dicionários físicos e virtuais das Línguas Brasileiras de Sinais. Os dicionários utilizados foram “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: Libras em Suas Mãos”, de Fernando César Capovila; Temoteo e Martins, 2017; Dicionário Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o “Dicionário da Língua Brasileira de Sinais” – Libras, do INES – Organizado pela “Acessibilidade Brasil” e publicado em 2009.

A Terceira etapa foi a pesquisa com docentes do Instituto Federal do Pará, lotados em cursos específicos das Áreas Agrárias e Meio Ambiente. Esta etapa utilizou o grupo focal como forma de organização para coleta de dados. O grupo focal foi formado por dez participantes distribuídos em dois encontros em plataforma virtual. As discussões perpassaram por conceituar termos intrínsecos das áreas de conhecimento, focados na Agricultura Familiar, os quais tiveram suas conceituações retiradas de dicionários. O grupo focal contribuiu na contextualização e reestruturação, inclusive, de imagens mais adequadas a serem utilizadas nas descrições dos termos.

A próxima etapa do processo objetivou apresentar os vocábulos, à comunidade surda acadêmica amazônica, formada por dezenove membros. Foi criado um grupo de mensagens instantâneas em aplicativo multiplataforma, com o objetivo de facilitar a interação. Esta fase visou saber se os termos apresentados eram também desconhecidos dos membros da comunidade. Os sinais desconhecidos foram divididos entre os grupos para pesquisar sua existência em Libras, tanto em suas comunidades locais, quanto em dicionários de Libras. A comunidade surda sugeriu sinais novos, gravou e enviou os vídeos com propostas de sinais para apresentação à Associação e validação em assembleia.

Registrados os sinais específicos em Libras, organizou-se o segundo encontro com a comunidade surda acadêmica. Os termos foram apresentados pelos participantes da pesquisa por meio do Google Meet. Aos faltosos, houve apresentação do vídeo com o repasse dos sinais enviados, previamente, por e-mail e/ou grupos de comunicação instantâneos. Desta forma, estes participantes puderam contribuir com críticas, sugestões, aprovando ou descartando a possibilidade de um sinal ser validado pela comunidade. Todo o processo foi gravado para análises posteriores com seus devidos termos de consentimento.

Os cinquenta termos tiveram suas análises feitas em fichas lexicográficas, seguindo o modelo de ficha utilizado por Lima (2014) com adaptações, conforme necessidade focada neste estudo. Foram analisados os parâmetros fonológicos de cada sinal, tais como, configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão (se contralateral ou ipsilateral), expressão facial e corporal e tipo de movimento, além da análise gramatical da Libras. As análises em fichas lexicográficas resultaram em um copilado com a definição dos termos em Língua Portuguesa, imagens em fotografia das sequências dos sinais e escrita dos termos em SignWriting (SW), além da identificação dos grupos de configuração de mãos em Libras e em SW. As fichas lexicográficas deram suporte para o desenvolvimento do glossário.

LINGUAGEM, LÍNGUA E LIBRAS

A linguagem é considerada uma habilidade natural dos seres humanos, um meio de comunicação utilizado para transmitir conceitos, ideias e emoções durante as interações. Nesse sentido, desempenha um papel crucial na transmissão de conhecimento, valores, tradições e identidade cultural. Diversas áreas de estudo tentaram explicar as características dessa capacidade humana expressa por mitos, lendas, cantos, rituais e obras eruditas ao longo

da história. Mesmo que esses estudos tenham sido, inicialmente, desconsiderados como científicos, civilizações antigas como os gregos, romanos, medievais e renascentistas demonstraram interesse em compreender os mistérios da linguagem.

Até o século XX, as pesquisas linguísticas utilizavam uma abordagem limitada pelo positivismo e pela disciplinaridade, o que levou a linguística a se concentrar na comparação de línguas para encontrar pontos de conexão ou convergência que poderiam ser atribuídos a uma suposta língua mãe. Durante esse tempo, pesquisadores se concentraram em estudos diacrônicos (análises da evolução das linguagens ao longo do tempo).

Saussure (2010), considerado o pai da linguística moderna, apresentou uma longa análise teórico-abstrata dos fatos de linguagem, no intuito de definir um objeto para viabilizar seus estudos científicos. Observou a linguagem com rigor científico, a partir de uma definição precisa do objeto, assim, elevou os estudos da linguagem à categoria de ciência, justamente por encontrar seu objeto de estudo: a língua.

Uma das grandes contribuições de Saussure (2010) que nos interessa neste estudo é a explicação a partir do questionamento: “Mas o que é a língua?” e a comparação que tece em relação às diferenças entre língua e linguagem: “língua não se confunde com linguagem, pois é tão somente uma parte dela, sendo, portanto, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2010).

Vygotsky (1979), em sua obra *Pensamento e Linguagem*, explora as relações entre linguagem e pensamento, propondo que essas duas funções mentais têm origens distintas, mas se interconectam ao longo do desenvolvimento humano. Ele argumenta que o pensamento passa por uma fase pré-verbal e a linguagem por uma fase pré-intelectual, até que ambas se fundem, resultando no pensamento verbal e na linguagem racional. Esse processo ocorre tanto no nível filogenético, que trata do desenvolvimento da espécie, quanto no nível ontogenético, que se refere ao desenvolvimento individual. Vygotsky (1979) destaca que a linguagem, enquanto sistema simbólico, medeia os processos mentais superiores, sendo fundamental para o intercâmbio social e para o desenvolvimento da capacidade de pensamento generalizante. Dessa forma, a linguagem torna-se um instrumento do pensamento, essencial para as atividades coletivas, como o trabalho, e para o desenvolvimento cultural do indivíduo.

Para Sacks (2010), o pensamento e a linguagem possuem origem biológica totalmente separadas. Ele aponta para o fato de que muito antes de aprender uma língua, já examinamos,

analisamos e reagimos ao mundo. Há um grande acúmulo de pensamento bem antes do surgimento da língua. A ideia é de que “um ser humano não está desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém profundamente restrito em seu pensamento, confinado a um mundo terrivelmente pequeno” (SACKS, 2010, p. 44).

A língua é uma capacidade inata essencial nos seres humanos, mas não há como desenvolvê-la sozinha. Esta capacidade existente é ativada na interação com outros falantes, pessoas que já desenvolveram competência linguística. Para Sacks (2010, p. 59) não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas ela é ativada por uma outra pessoa que já possui capacidade e competência linguísticas.

As línguas necessitam ter uma estrutura. Esta constatação vem da teoria linguista gerativista a qual nos últimos trinta anos se explicita melhor em estudos de Noam Chomsky (1997), que irá discorrer sobre as propriedades mais profundas que definem a língua humana, a qual chamará de “estruturas profundas” da gramática.

A teoria gerativista que Chomsky (1980) propõe, acredita que o conhecimento intuitivo se localiza no cérebro do indivíduo e não na sociedade, como Saussure (2010) pensou. Independente das duas pesquisas apontarem caminhos diferentes é inegável que os dois estudos focaram na análise das línguas de forma estável e acabaram por estudá-las e descrevê-las como um sistema perfeito e sem variações.

Noam Chomsky (1997) traz grandes contribuições para a linguística. Seus estudos percebem uma nova onda de transformação. A linguagem foi considerada um conjunto de sentenças infinitas em cumprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos. A ideia é que toda língua natural possui um número finito de sons (e um número finito de sinais gráficos que os representam, se for escrita); mesmo que as sentenças distintas da língua sejam em número infinito, cada sentença só pode ser representada como uma sequência finita desses sons (ou letras).

As teorias de Saussure (2010) e Chomsky (1997) investigaram as línguas de forma muito importante, foram teorias úteis para a pesquisa das estruturas das línguas, todavia, não se pode deixar de identificar que seus estudos foram pautados em uma idealização de língua, feita por meio de um recorte destas, não levando em consideração o fato de que as línguas não são paradas no tempo, percepção que abre possibilidades e aponta para outro conceito: o de variação.

A sociolinguística proposta por Labov (2008) estudou o comportamento linguístico de uma sociedade, estruturas e evoluções da língua no contexto social da comunidade, as relações entre língua e sociedade. Além disso, vai observar a língua não apenas em seu valor linguístico, mas em valores que carregam força simbólica, como, dentre outros, os valores socioculturais e econômicos. Por isso, considera o contexto, a cultura e a história a que uma determinada comunidade interage e compartilha as normas de uso linguístico.

As pessoas que fazem parte desta sociedade devem se adequar para o uso das línguas orais, independente das condições ou possibilidades. Outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais é considerada como inferior. Não à toa, o modelo de educação imposto à comunidade surda e que perdurou por muitos anos, foi o da língua oral (QUADROS, 2007).

Mas as Línguas de Sinais não são mímicas e nem se configuram com pantomima (gesto). É uma língua que se insere em modalidades que diferem das línguas orais, pois usa o espaço e a visão, sendo, pois, considerada uma língua espaço-visual e não oral-auditiva. São línguas naturais, por nascerem da necessidade de comunicação e da capacidade de linguagem dos seres humanos, além de terem surgido “[...] da mesma forma das línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações” (QUADROS, 1997, p.47).

O primeiro estudioso a analisar as línguas de sinais a partir da ASL – Língua de Sinais Americana, foi William Stokoe em 1960. Ele constatou que os sinais não eram imagens e sim símbolos abstratos complexos com uma complexa estrutura interior. A pesquisa comprovou que tais línguas visuais, atendiam a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, na sintaxe, na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças, na existência de um léxico (conjunto de símbolos convencionais) e de uma gramática (um conjunto de regras que rege o uso desses símbolos (QUADROS, 2004).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, a flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos, e dependência estrutural. Também é considerada uma língua genuína porque, tal como todas as outras línguas de sinais, está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como fonologia, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe, preenchendo assim, todos os

requisitos científicos para ser considerada instrumento linguístico de poder e força e se configura apresentando elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas. Logo, pode-se afirmar que tais características são específicas da faculdade da linguagem humana.

RESULTADOS

Como resultado, foram validados 50 termos, dos quais 44 foram criados e seis (identificados como existentes e utilizados na comunicação pela comunidade surda e, portanto, pelo entendimento coletivo da importância para o campo semântico estudado, foram incluídos para análise em fichas lexicográfica e posteriormente organizados em glossário. São eles: *arar*, *agrotóxico*, *fungo*, *balaio*, *transgênico* e *erosão*. A tabela 01 mostra a pesquisa com professores de Libras, intérpretes e Pessoas Surdas localizadas na região Amazônica. O critério foi averiguar quais termos os participantes conheciam em Libras; quais faziam uso apenas com classificadores ou datilologia e quais necessitavam utilizar mais de uma possibilidade, como Libras e classificador, datilologia e classificador ou Libras, classificador e datilologia.

A partir do primeiro resultado, pôde-se constatar que em relação aos termos: *Agricultura orgânica* e *aceiro*, nenhum dos 49 participantes sabiam o sinal em Libras. Para os termos: *Agricultura de subsistência*, *Agroecologia*, *Abanação*, *Adubo orgânico*, *Áxilo*, *Beneficiamento do produto*, *Leira*, *Pulverização*, *Coroamento*, *Curva de nível*, *Campesinato*, *Destorroar o solo*, *Forageira*, *Olerícola* e *Raiz Pivotante*, apenas um integrante disse conhecer o sinal.

Do total de termos avaliados, 50 foram selecionados com base no critério de incluir aqueles que tiveram entre zero e dez participantes que afirmaram conhecer o sinal em Libras. Esse critério assegurou a frequência e relevância de uso dos termos, priorizando aqueles com maior desconhecimento por parte da comunidade surda.

Durante a investigação, foi confirmado que os sinais em Libras para os termos: *Agricultura de subsistência*, *Agroecologia*, *Abanação*, *Adubo orgânico*, *Áxilo*, *Beneficiamento do produto*, *Leira*, *Pulverização*, *Coroamento*, *Curva de nível*, *Campesinato*, *destorroar o solo*, *Forageira*, *Olerícola*, *Raiz Pivotante* são desconhecidos por 48 dos 49 participantes. Enquanto os termos *Agrobiologia*, *Agricultura Sustentável*, *Adubo Químico*,

Afluente, Alvião, Destocar, Escarificar o Solo, Ureia e Revolução Verde, 47 dos 49 participantes não conhecem os termos em Libras.

Apenas três informantes relataram conhecer os termos *Agroecossistemas, Agrotóxico, Abate, Educação politécnica, Feijão macáçar, Material orgânico*, um total de seis termos, o que nos leva a totalizar 47 que desconhecem esses sinais em Libras. De quatro a dez informantes afirmaram usar os termos *Agricultura familiar, Agronegócio, Amontoa, Arar, Antrópico, Apicultura, Aquicultura, Declive, Área de capoeira, Assoreamento, Balaio, Pragas, Inseticida, Coveamento, Cultura/cultivo anual, Erosão, Fungo, Herbicida, Poda, Produtividade, Transgênico*, totalizando 22 termos, enquanto 39 a 45 pessoas não os conheciam em Libras e afirmaram utilizar outras formas de uso, como datilologia ou classificador para se reportar às palavras, quando precisavam. Segue a tabela com os resultados compilados para melhor visualização.

Tabela 01 - Pesquisa Resultado do questionário de pesquisa I

Quantidade de participantes que conhecem e/ou utilizam os termos em Libras, Classificador, Datilologia Datilologia e Classificador/ Libras, Classificador e Datilologia e quantitativo sem respostas.									
Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	⁵ L / C L	⁶ D / C L	⁷ L/C L / DAT	⁸ S / R E S	Total de participantes antes da pesquisa
1	Agricultura familiar	10	13	19	3	4	0	0	49
2	Agricultura de subsistência	1	11	34	2	1	0	0	49
3	Agricultura orgânica	0	12	35	0	2	0	0	49
4	Agrobiologia	2	9	37	0	1	0	0	49
5	Agroecologia	1	9	36	1	1	0	1	49
6	Agroecossistemas	3	5	37	0	2	1	1	49
7	Agrotóxico	3	11	33	0	1	1	0	49
8	Agronegócio	4	11	29	2	2	0	1	49
9	Agriculturasustentável	2	15	24	1	3	1	3	49
10	Abanação	1	6	36	0	1	1	4	49
11	Abate	3	18	24	0	1	1	2	49

⁵ L/CL = Libras e classificador

⁶ D/CL = datilologia e classificador

⁷ L/CL/DAT= Libras, classificador e datilologia

⁸ S/RES= Sem respostas

12	Aceiro	0	7	36	0	2	1	3	49
13	Adubo químico	2	14	30	0	3	0	0	49
14	Adubo orgânico	1	18	28	0	2	0	0	49
15	Afluente	2	15	27	1	3	0	1	49
16	Amontoa	6	7	24	0	0	1	11	49
17	Alvião	2	5	38	0	2	0	2	49
18	Arar	7	15	21	1	3	1	1	49
19	Antrópico	4	9	34	0	2	0	0	49
20	Apicultura	7	17	22	0	2	0	1	49
21	Aquicultura	6	14	25	0	1	1	2	49
22	Declive (área com declividade)	4	15	25	0	3	1	1	49
23	Arame	11	15	20	0	2	1	0	49
24	Área de capoeira	4	18	25	0	1	1	0	49
25	Armazenar	16	14	14	1	1	2	1	49
26	Assentamento	11	16	16	1	4	0	1	49
27	Assoreamento	4	13	29	0	2	1	0	49
28	Áxilo	1	11	32	0	3	0	2	49
29	Balizamento	11	1	33	0	3	0	1	49
30	Balaio	4	14	28	0	3	0	0	49
31	Beneficiamento do produto	1	18	26	0	3	0	1	49
32	Brotar a planta/germinar	15	17	12	1	2	1	1	49
33	Leira	1	15	27	0	3	0	3	49
34	Pulverização	1	23	18	2	2	0	3	49
35	Pragas	7	22	16	1	1	1	1	49
36	Inseticida	8	19	18	1	3	0	0	49
37	Coroamento	1	10	34	0	2	0	2	49
38	Coveamento*	5	14	24	1	1	0	4	49
39	Cultura anual	6	16	24	1	1	0	1	49
40	Curva de nível	1	14	29	0	3	0	2	49
41	Campesinato	1	9	34	1	2	0	2	49
42	Educação politécnica	3	9	28	0	2	0	7	49
43	Destocar	2	14	26	0	2	0	5	49
44	Destorrear o solo	1	13	31	0	2	0	2	49
45	Erosão	6	17	22	0	3	0	1	49
46	Escarificar o solo	2	9	33	0	3	0	2	49
47	Feijão macáçar	3	13	27	0	4	0	2	49
48	Forrageira	1	12	30	0	4	0	2	49
49	Fungo	7	10	27	0	3	1	1	49

50	Herbicida	5	13	26	0	3	0	2	49
51	Material orgânico	3	20	22	0	3	0	1	49
52	Olerícola	1	7	37	0	1	0	3	49
53	Poda	8	22	15	2	2	0	0	49
54	Produtividade	5	18	23	0	1	0	2	49
55	Raiz Pivotante	1	13	30	1	2	0	2	49
56	Solo	22	10	14	2	1	0	0	49
57	Ureia	2	4	39	0	3	0	1	49
58	Quilombos	12	15	18	0	3	1	0	49
59	Revolução verde	2	12	33	1	1	0	0	49
60	Sementes	17	16	14	0	1	1	0	49
61	Sustentabilidade	15	12	20	0	2	0	0	49
62	Transgênico	4	11	31	0	2	1	0	49
Total de termos pesquisados									62

Fonte: Magalhães (2021).

Os termos investigados fazem parte da semântica das Áreas Agrárias e Meio Ambiente e são utilizados tanto nas comunidades do campo, quanto em cursos voltados para tais áreas. Este fato nos leva a crer, que Pessoas Surdas inseridas nessas localidades podem ter contato linguístico com tais termos. Quando uma palavra não existe em sinais, outras estratégias são utilizadas, como é o caso do uso do alfabeto manual ou datilológico. O alfabeto soletrado manualmente, seguindo proposta de Padden (1998) para a ASL, é um conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto português. Portanto, Pessoas Surdas precisariam entender a língua portuguesa para que o alfabeto manual faça sentido, pois esse tipo de soletração “é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letra escritas do português” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 88). O uso da datilologia, alfabeto manual ou soletrado é recorrente quando não se tem ou se desconhece o sinal, dificultando a compreensão da mensagem pelas Pessoas Surdas não bilíngues.

Obtivemos um total de nove termos, dos quais dez ou mais informantes disseram conhecer e usar em Libras. No decorrer da criação de sinais, três termos foram excluídos pelo coletivo de professores, intérpretes e comunidade surda, por serem utilizados como classificadores e por terem sido problematizados quanto à frequência de uso em contexto semântico do campo, portanto, no total, 12 termos foram excluídos da pesquisa. Segue abaixo, a tabela de termos excluídos.

Tabela 02 – Termos excluídos durante a pesquisa

Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	⁹ L / C L	¹⁰ D / C L	¹¹ L/ C L/ DAT	¹² S / R E S	Total de participantes antes da pesquisa
1	Agricultura familiar	10	13	19	3	4	0	0	49
02	Abate	3	18	24	0	1	1	2	49
03	Arame	11	15	20	0	2	1	0	49
04	Armazenar	16	14	14	1	1	2	1	49
05	Assentamento	11	16	16	1	4	0	1	49
06	Balizamento	1	11	33	0	3	0	1	49
07	Brotar a planta/germinar	15	17	12	1	2	1	1	49
08	Poda	8	22	15	2	2	0	0	49
09	Solo	22	10	14	2	1	0	0	49
10	Quilombos	12	15	18	0	3	1	0	49
11	Sementes	17	16	14	0	1	1	0	49
12	Sustentabilidade	15	12	20	0	2	0	0	49
Total de termos excluídos									12

Fonte: Magalhães (2021).

É possível perceber que um número significativo de informantes relatou não conhecer os termos pesquisados em Libras. Como alternativa, muitos optaram por utilizar datilologia ou classificadores para explicar os conceitos, quando necessário. Isso reforça a necessidade de pesquisas voltadas para a criação e glossarização/dicionarização de sinais, assim como para a formação no aprendizado de novos sinais em Libras.

É importante destacar que os classificadores representam uma alternativa de transmitir conhecimento para as Pessoas Surdas. Eles são elementos gramaticais que existem em número restrito e estabelecem um tipo de concordância.

Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração da mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o

⁹ L/CL = Libras e classificador

¹⁰ D/CL = datilologia e classificador

¹¹ L/CL/DAT= Libras, classificador e datilologia

¹² S/RES= Sem respostas

movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração da mão (referindo à pessoa) move-se em ziguezague para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que se refere a veículos. Essas configurações de mão ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto (por exemplo, a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo) ou a forma de um objeto (por exemplo, uma vara fina e comprida) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Em âmbito geral, entende-se que a inclusão de Pessoas Surdas em ambientes predominantemente ouvintistas¹³, como são as Instituições inclusivas, necessariamente, precisam lidar com duas línguas: a língua que as pessoas ouvintes fazem uso oralmente e a língua visuoespacial, natural das Pessoas Surdas.

Após a pesquisa, segue tabela com os cinquenta termos utilizados e finalizados em processos de criação, validação e catalogação; incluídos no produto dessa dissertação, glossário intitulado: *Termos da Agricultura Familiar em Libras*. Logo após, a tabela contendo os doze termos, inicialmente pesquisados e em seguida, a tabela com os termos excluídos (por apresentarem quantitativo de conhecimento do sinal acima do proposto como critério de seleção ou por não terem sido criados em Libras pelo coletivo/comunidade surda, como já mencionado):

Tabela 03 – Resultado do questionário de pesquisa II.

Quantidade de participantes que conhecem e/ou utilizam os termos em Libras, Classificador, Datilologia e Classificador/ Libras, Classificador e Datilologia e quantitativo sem respostas.									
Nº	Termos em Língua Portuguesa	Libras	Classificador	Datilologia	¹⁴ L / C L	¹⁵ D / C L	¹⁶ L/ C L / DAT	¹⁷ S / RE S	Total de particip antes da pesquisa
1	Agricultura de subsistência	1	11	34	2	1	0	0	49
2	Agricultura orgânica	0	12	35	0	2	0	0	49
3	Agrobiologia	2	9	37	0	1	0	0	49
4	Agroecologia	1	9	36	1	1	0	1	49
5	Agroecossistemas	3	5	37	0	2	1	1	49
6	Agrotóxico	3	11	33	0	1	1	0	49

¹³ Termo cunhado por Carlos Skliar (2013) o autor conceitua *ouvintismo* como representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos e por conseguinte, “oralismo, a forma institucionalizada do ouvintismo” (p. 15), onde o surdo é obrigado a olhar-se, narrar-se como se fosse ouvinte. Segundo Skliar (2013), estas raízes são históricas e ainda se fazem presentes em nossa sociedade e, conseqüentemente, na prática de nossas escolas inclusivas.

¹⁴ L/CL = Libras e classificador

¹⁵ D/CL = datilologia e classificador

¹⁶ L/CL/DAT= Libras, classificador e datilologia

¹⁷ S/RES= Sem respostas

7	Agronegócio	4	11	29	2	2	0	1	49
8	Agriculturasustentável	2	15	24	1	3	1	3	49
9	Abanação	1	6	36	0	1	1	4	49
10	Aceiro	0	7	36	0	2	1	3	49
11	Adubo químico	2	14	30	0	3	0	0	49
12	Adubo orgânico	1	18	28	0	2	0	0	49
13	Afluente	2	15	27	1	3	0	1	49
14	Amontoa	6	7	24	0	0	1	11	49
15	Alvião	2	5	38	0	2	0	2	49
16	Arar	7	15	21	1	3	1	1	49
17	Antrópico	4	9	34	0	2	0	0	49
18	Apicultura	7	17	22	0	2	0	1	49
19	Aquicultura	6	14	25	0	1	1	2	49
20	Declive (área com declividade)	4	15	25	0	3	1	1	49
21	Área de capoeira	4	18	25	0	1	1	0	49
22	Assoreamento	4	13	29	0	2	1	0	49
23	Áxilo	1	11	32	0	3	0	2	49
24	Balaio	4	14	28	0	3	0	0	49
25	Beneficiamento do produto	1	18	26	0	3	0	1	49
26	Leira	1	15	27	0	3	0	3	49
27	Pulverização	1	23	18	2	2	0	3	49
28	Pragas	7	22	16	1	1	1	1	49
29	Inseticida	8	19	18	1	3	0	0	49
30	Coroamento	1	10	34	0	2	0	2	49
31	Coveamento*	5	14	24	1	1	0	4	49
32	Cultura anual	6	16	24	1	1	0	1	49
33	Curva de nível	1	14	29	0	3	0	2	49
34	Campesinato	1	9	34	1	2	0	2	49
35	Educação politécnica	3	9	28	0	2	0	7	49
36	Destocar	2	14	26	0	2	0	5	49
37	Destorrear o solo	1	13	31	0	2	0	2	49
38	Erosão	6	17	22	0	3	0	1	49
39	Escarificar o solo	2	9	33	0	3	0	2	49
40	Feijão macáçar	3	13	27	0	4	0	2	49
41	Forrageira	1	12	30	0	4	0	2	49
42	Fungo	7	10	27	0	3	1	1	49
43	Herbicida	5	13	26	0	3	0	2	49
44	Material orgânico	3	20	22	0	3	0	1	49

45	Olerícola	1	7	37	0	1	0	3	49
46	Produtividade	5	18	23	0	1	0	2	49
47	Raiz Pivotante	1	13	30	1	2	0	2	49
48	Ureia	2	4	39	0	3	0	1	49
40	Revolução verde	2	12	33	1	1	0	0	49
50	Transgênico	4	11	31	0	2	1	0	49
Total de termos pesquisados									50

Ressalta-se algumas contribuições do grupo focal para o avanço da pesquisa e produto. O termo campesino foi ressaltado pelas discussões no grupo como sendo um termo em espanhol. Após breve explicação, foi feita a sugestão de usar o termo camponês ou melhor ainda, agricultor familiar, observando ainda que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês. “[...]o campesinato, usando o conceito da professora Nazaré Wanderley, é um tipo de agricultor familiar, mas você tem outros tipos” (GRUPO FOCAL, 2021).

O termo *Agroecologia*, que inicialmente constava no material elaborado como “uma forma de agricultura sustentável que retoma as concepções agrônômicas anteriores à chamada Revolução Verde”, retirado do <www.ecycle.com.br> foi problematizado pelo grupo focal. Dois membros do grupo avaliaram o conceito acima como reducionista e os demais concordaram, sugerindo, então, o conceito trabalhado por Gliessmann (2001) e citado por Alberto Felden (2005): “[...] para Gliessmann (2001), agroecologia é a aplicação dos princípios e conceitos da ecologia ao desenho e manejo de Agroecossistemas sustentáveis.” Além do conceito de Gliessmann (2001) citado pelos professores do grupo focal, Felden (2005) ainda traz o conceito de Agroecologia por Altieri (1989): “a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os Agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, Ecologia, Economia e Sociologia. E por fim, Felden (2005) elabora e conceitua Agroecologia: “[...] consideramos que a Agroecologia é uma ciência em construção, com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando, inclusive, o conhecimento tradicional, porém este é validado por meio de metodologias científicas (mesmo que, às vezes, sejam métodos não-convencionais)” (FELDEN, 2005, p. 53)

O grupo focal também analisou as imagens vinculadas aos termos que compõem o glossário. Várias contribuições foram acatadas, a exemplo, a orientação das imagens do termo *Agroecologia*. Um integrante do grupo sugeriu inserir a imagem abaixo, dentre outras

sugeridas, a qual é representativa da décima primeira edição do Congresso Brasileiro de Agroecologia -ABA. A imagem foi validada no sentido de dar visibilidade ao debate de gênero, o qual evidencia que a Agroecologia tem sido bastante discutida por cientistas homens e na atualidade, esse debate está eclodindo também em vozes de cientistas femininas. A ideia de representatividade feminina foi acatada em todos os debates e, portanto, validada pelo grupo focal. Abaixo, segue este exemplo, discutido e selecionado pelo grupo, de uma das imagens selecionadas para compor o glossário.

Figura 01- Imagem do termo *Agroecologia*.



Fonte: <https://aba-agroecologia.org.br>

As investigações dos termos em dicionários de Libras foram processuais. Dos cinquenta termos pesquisados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil, de Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins (2017), foram encontrados: *Balaio*, *Agrotóxico*, *Forrageira*, *Arar*, *Erosão* e *Fungo*. Apesar da existência desses termos em um dicionário escrito, foi decidido pelo coletivo, incluí-los no glossário, pois são termos importantes para a semântica camponesa e tiveram entre quarenta e dois a quarenta e oito dos quarenta e nove informantes da pesquisa que disseram não os conhecerem em Libras, portanto, segue a regra inicial. Os sinais foram sugeridos pelo coletivo/comunidade surda como uma proposta a mais de variação linguística.

Os termos formados em língua portuguesa pelo processo de justaposição, foram encontrados apenas em uma ou outra das palavras, sem definir o sentido total do termo justaposto. Foi o caso das palavras *Agricultura de subsistência*, *Agricultura orgânica* e *Agricultura sustentável*, em que o termo *Agricultura* existe em dicionário, mas não consta o outro termo justaposto, assim como também não constam as palavras *Subsistência*, *Orgânica* e *Sustentável*. Em *Área de capoeira*, as duas palavras foram encontradas separadamente, mas no sentido de capoeira como arte marcial afro-brasileira e não como vegetação.

Cultura anual, assim como os termos *Curva de nível*; *Educação politécnica*; *Destorroar o solo*; *Feijão macáçar*; *Material orgânico*; *Raiz Pivotante* e *Revolução verde* seguem o mesmo exemplo de *Área de capoeira*, existindo o conceito de um dos termos ou dos dois, separadamente. No caso de *Cultura anual*, foi encontrado o termo *cultura* como arte, crença, leis, costumes etc. e não no sentido de cultivo da terra. Em pesquisa com o grupo de professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente (grupo focal) houve uma sugestão para o uso do termo *Cultivo Anual* em substituição à *Cultura Anual*.

O grupo de professores das Áreas Agrárias justificou a troca do termo *Cultura Anual* para *Cultivo Anual* pelo fato de o termo *cultura* ser polissêmico, dando espaço para o entendimento da complexidade cultural dos povos, das crenças, artes, leis, moral, costumes e hábitos adquiridos através da convivência social, enquanto o significante *cultivo*, também nomeado para designar culturas que concluem seu ciclo produtivo em um ano ou menos, pareceu ser composto de uma semântica mais coerente com o significado. Por esse motivo, escolhemos manter a sugestão do grupo focal, usando o termo cultivo anual para a continuidade da pesquisa.

Os cinquenta termos foram pesquisados no dicionário do INES on-line <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. O dicionário on-line do INES é composto de uma janela com várias opções. A primeira opção é a escolha da busca, se por palavra, exemplo, acepção ou assunto. Ao fazer a escolha, abre-se um retângulo abaixo com as palavras, outro com a configuração de mão referente ao termo escolhido e o vídeo do termo em Libras. Na figura 01 temos a acepção, exemplo de frase em língua portuguesa e exemplo de frase em Libras, além da imagem, classe gramatical e origem das palavras.

Dentre os termos pesquisados, o verbo arar foi encontrado no dicionário e aderimos ao mesmo sinal, incluindo o termo no glossário pelos mesmos motivos, os quais incluímos os outros termos citados acima. O termo *Fungo*, não foi encontrado nos “Dicionários de Língua de Sinais do Brasil” de Capovilla et al; também não o foi em “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas Pessoas Surdas”, de Honora, et al. O termo *Fungo*, em Sinal, foi encontrado no dicionário de biologia do grupo de estudos de pequenas empresas e empreendedorismo: <http://epeem.cp.utfpr.edu.br/> também foi encontrado no site do “Núcleo de Estudos em Diversidade e Inclusão de Surdos (NUEDIS): <https://www.youtube.com/channel/UCLcZAoXCMIBhyHMOyptI00g/about>. Os sites acima, informam o sinal de fungo tal como os membros do coletivo/comunidade surda repassaram.

Todavia, encontramos outros sinais para o termo fungo, em um site com título: biociência em sinais: <https://www.youtube.com/watch?v=B5ml6HcZ83g&ab_channel=Bioci%C3%Aancia_sinais>. Este site mostra um sinal com variação linguística que o diferencia das outras propostas e não será utilizado para este estudo, pois a comunidade surda da região local pesquisada não faz o seu uso. O sinal apresentado na ficha lexicográfica abaixo é compatível com os dois primeiros sites.

As pesquisas lexicográficas e terminológicas são metódicas e deverasmente trabalhosas. Apesar de demandar dedicação total da pesquisadora, bem como contar com todo apoio da orientadora, dos esforços da comunidade surda, dos coletivos de professoras, professores que criaram os sinais, dos profissionais das Áreas Agrárias que validaram conceitos, além do primoroso trabalho do professor Dr. Sinésio Filho, pesquisador da SignWriting no Brasil e fundamental para a catalogação da escrita de sinais no corpo das fichas e glossário, não foi possível esgotar todas as nuances e detalhes que podem e devem ser aprimorados em pesquisas posteriores.

A partir das pesquisas realizadas com os três coletivos formados, das reuniões virtuais e presenciais para a criação em Língua Brasileira de Sinais dos termos apresentados, da validação de termos da semântica focada na Agricultura Familiar em Língua Portuguesa e das pesquisas dos termos em dicionários físicos e virtuais, seguem as fichas lexicográficas, conforme informações explicadas a seguir. As fichas estão disponibilizadas em ordem alfabética com análise dos parâmetros em Libras e apresentação e descrição de cada termo pesquisado. Nelas, constam as seguintes informações:

1. Especifica o projeto e numeração em ordem crescente.
2. Apresenta o termo em Língua Portuguesa.
3. Indica a classe gramatical de cada um dos termos.
4. Define o termo.
5. Expõe as imagens de cada momento dos sinais.
6. Indica a quantidade de mãos para a realização do sinal.
7. Apresenta a imagem do primeiro parâmetro do sinal e transcrição do parâmetro, de acordo com as especificações abaixo:

(a) e (b) respectivamente mostram a configuração de mãos direita e esquerda, sendo que (a.1) e (b.1) refere-se ao número correspondente à configuração de mãos, conforme tabela de configuração de mãos estruturada por Nascimento, (2009).

(c) e (d) explicam o tipo de ação da mão direita e esquerda respectivamente, se ativa ou de apoio ou ainda sem parâmetro algum.

(e) e (f) expõem a orientação da mão: se estão direcionadas para cima, para baixo, para dentro, para fora, para o lado contralateral (esquerdo) ou ipsilateral (direito), conforme estudos linguísticos de Ferreira Brito (1995).

O quadro (g) analisa o ponto de articulação conforme quadro adaptado de Friedman (1997) e Ferreira Brito e Langevin (1995) por Quadros e Karnopp (2004) que divide a localização feita pelo sinal em quatro principais regiões: cabeça (Topo da cabeça, testa, rosto: parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, bochechas, queixo), mão (palma costas das mãos lado do indicador lado do dedo mínimo dedos ponta dos dedos dedo mínimo anular dedo médio indicador polegar) tronco (pescoço ombros busto estômago cintura braços braço antebraço cotovelo pulso) e espaço neutro.




O movimento dos sinais estruturados no quadro (h), será apenas evidenciado se existe ou não, assim como a expressão facial (i) e expressão corporal (j), deixando análises mais aprofundadas para estudos posteriores.









8. Apresenta a imagem do segundo parâmetro do sinal e transcreve o parâmetro: a configuração de mãos direita e esquerda, o número correspondente à tabela de configurações, o tipo de ação das mãos direita e esquerda, a orientação da palma direita e esquerda, o ponto de articulação, o movimento, a expressão facial e expressão corporal, conforme especificado no quadro 7.

9. Apresenta a imagem do segundo parâmetro do sinal e transcreve o parâmetro: a configuração de mãos direita e esquerda, o número correspondente à tabela de configurações, o tipo de ação das mãos direita e esquerda, a orientação da palma direita e esquerda, o ponto de articulação, o movimento, a expressão facial e expressão corporal, conforme especificado no quadro 7.

É importante destacar que os quadros 8 e 9 seguem a mesma lógica do quadro 7 e dependendo da quantidade de parâmetros (foto na ficha) serão acrescentados ou excluídos os quadros para análise.

Imagem 01 – Ficha Terminológica.

(1) Ficha Léxico-terminológica – Glossário das ciências agrárias e meio ambiente – Agricultura familiar		Número:10	
(2) Termo: AGROECOLOGIA			
(3) Classe gramatical: Substantivo			
(4)Definição em português: Para Gliessmann (2001), é a aplicação dos princípios e conceitos da ecologia ao desenho e manejo de Agroecossistemas sustentáveis. Para Altieri (1989), a agroecologia é uma ciência emergente que estuda os Agroecossistemas integrando conhecimentos de agronomia, Ecologia, Economia e Sociologia. Consideramos que a Agroecologia é uma ciência em construção, com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando inclusive, o conhecimento tradicional, porém este é validado por meio de metodologias científicas (mesmo que, às vezes, sejam métodos não-convencionais). FEIDEN, Alberto. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, A. M., ASSIS, R. L. (Editores Técnicos). Agroecologia – Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável, pp. 49-70. Embrapa Informação Tecnológica. Brasília, DF. 2005.			
*Conceito analisado e validado em pesquisa através do grupo focal formado por professoras e professores das Áreas Agrárias e Meio Ambiente do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal.			
(5) Fotos do sinal:			 
(6) Quantidade de mãos: 2			
(7) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 25 Grupo 5

(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 25 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Ativa
(e) Orientação da palma (direita)	Para baixo	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não
(8) Parâmetros do sinal (segundo movimento)			
(a) Configuração de mão (direita):		 (GRUPO 5)	(a.1) Número: 13 Grupo 5
(b) Configuração de mão (esquerda):		 (GRUPO 5)	(b.1) Número: 51 Grupo 5
(c) Tipo de ação da mão (direita):	Ativa	(d) Tipo de ação da mão (esquerda):	Apoio
(e) Orientação da palma (direita)	Lado esquerdo (contralateral)	(f) Orientação da palma (esquerda)	Para baixo
(g) Ponto de articulação:	Espaço neutro	(h) Movimento:	Sim
(i) Expressão facial:	Não	(j) Expressão corporal:	Não

Fonte: Magalhães (2021)

As fichas ainda dispõem de um quadro lateral direito, o qual transcreve para o SignWriting, os sinais analisados. O SignWriting, “[...] é um sistema de escrita utilizado para registrar a língua de sinais. É uma palavra de origem inglesa e no Brasil é denominada de Escrita de Sinais” (GONÇALVES FILHO, 2018, p. 25). A língua de sinais não é ágrafa, como pensávamos antes. A única forma de registros das línguas de sinais era em vídeos cassetes. Esta forma tem passado por mudanças tecnológicas, e há um significativo avanço nos estudos tanto de sinais, quanto da escrita de sinais no Brasil.

É válido destacar que esta pesquisa não se encerra por aqui, ao contrário, ela representa apenas um passaporte para adentrar, futuramente, em águas terminológicas mais

profundas. Há um rio caudaloso de termos e expressões que ainda precisa ser explorado; há muitos estudantes e docentes à espera de auxílio nessa área, portanto, na missão de manter a luta por uma educação mais equitativa, nos propomos a continuar a investigação e ampliar este acervo, além de continuarmos nossas reflexões linguísticas e inclusivas no campo.

Para contribuir e facilitar o acesso, disponibilizamos o link para o glossário, intitulado *Termos da Agricultura Familiar em Libras*, o qual é resultado desta pesquisa: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/695>.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando César. RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngua da Língua de Sinais Brasileira**, v. I e II. São Paulo, Edusp, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, MEC/SEESP, 2008.19p.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 20 fev. 2020.

CHOMSKY, Noam. 1980. Reflexões sobre a linguagem. São Paulo: Cultrix.199p.

CHOMSKY, Noam. Horizons in the study of language. D.E.L.T.A 13, Edição Especial: Chomsky no Brasil, 1997.

FELDEN A. Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L de (Ed.). Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2005. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap1ID-Sim092KU5R.pdf> Acesso em: 20 nov. 2020.

GONÇALVES FILHO, José Sinésio Torres. **Signwriting da Linguagem Matemática para o Ensino de Geometria Plana**. – (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e Matemática (IEMCI/UFPA), 2018. Disponível em: <http://ppgecm.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/230-dissertacoes-2018>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].392p.

LIMA, Vera Lúcia Souza e. **Língua de sinais: Proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico**. 2014. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. 272p.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta lexicográfica**. Brasília. Universidade de Brasília, 2009. 290p.

QUADROS, Ronice Müller de. **Políticas linguísticas e educação de surdos**. In: V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional do INES, 2006, Rio de Janeiro. Anais do Congresso: Surdez, família, linguagem e educação. Rio de Janeiro: INES, 2007. v.1. p.94 – 102.

QUADROS, Ronice Müller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos. A aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Editora Artmed, 1997.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos** (L. T. Motta, trad). São Paulo: Companhia das Letras. 2010. 216p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2010.312p.

VYGOTSKY, Lev. Semionovich. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979. 213p.